

ARQUEOLOGIA

Expedição descobre cultura megalítica em MT

Após dois meses de selva, grupo liderado pelo arqueólogo Heinz Budweg encontra sete alinhamentos de pedra perto de Paranaíta

Eduardo Geraque
de São Paulo

Foram quase dois meses de andanças pela selva de Mato Grosso. O grupo de aventureiros, liderado pelo arqueólogo brasileiro Heinz Budweg, tinha nove integrantes. No caminho, desde "simples" carrapatos até onças atacaram a expedição — uma delas até quase engoliu um dos integrantes.

Depois de quilômetros sob o forte calor e de terem enfrentado até a greve dos caminhoneiros, os componentes da expedição Tapajós conseguiram um dos seus principais objetivos. "Está descoberta uma cultura inédita no Brasil", anuncia, com entusiasmo, Budweg, já de volta a sua base — uma aconchegante casa próximo ao Horto Florestal, na Zona Norte da capital.

Conforme explica o líder do Projeto Tapajós (ver matéria nesta página), próximo à cidade de Paranaíta foram descobertos sete alinhamentos de pedra. Na verdade, eles formavam uma espécie de calendário, que era muito usado, também na Europa, por povos megalíticos. A idade megalítica data de 4 mil a mil anos antes de Cristo.

"As formações tinham as mais variadas disposições. Algumas estavam dispostas em linhas reta, outras em forma de cruz e outras ainda em círculos", revela Budweg. "Todas elas obedeciam aos pontos cardeais da época, que eram diferentes dos atuais", explica o arqueólogo.

Depois de encontrado, parte do material foi enviado aos Estados Unidos, onde será datado. "Pela diferença do pólo magnético vamos conseguir aferir a idade de construção das estruturas de pedra", acredita Budweg. Ele lembra que a datação da Esfinge egípcia — hoje se sabe que ela é muito mais antiga que a pirâmide de Quéops — foi feita desta mesma forma.

Ainda sem um nome exato, o Projeto Tapajós nomeou os novos achados de "A Cultura dos Colocadores de Pedra". A civilização que viveu no Brasil, segundo a tese de Budweg, teve total ligação com as mesmas civilizações da época identificadas na Europa e Ásia, que formam o Velho Mundo.

"A diferença que nós observamos pode estar relacionada com a mudança de meio ambiente. Na mata, por causa da falta de espaço, o recurso foi montar os agrupamentos de pedra sobre granitos", diz.

A aventura do nove expedicionários não se resumiu apenas a isso. A descoberta feita em meio à selva amazônica, sobre imensas lajes de granito, tinha em si mais uma informação que surpreendeu o grupo. Depois das trenas desenroladas das malas de equipamentos e das medições sucessivas outro achado importante: a distância entre cada pedra era de 53 centímetros.

"Esta era exatamente a medida padrão — idêntica ao nosso metro utilizado hoje — da época megalítica", revela Budweg. Sem esconder a alegria da descoberta, ele vai mais além. "Não existe como desconfiar de que não houve uma comunicação entre oceanos muito antes de Cabral. Na verdade, estou quase convencido de que ele foi o último a chegar", brinca o arqueólogo.

Sempre empolgado com a expedição e com as descobertas do grupo, Budweg afirma que não pretende esconder os seus dados e o seu material de ninguém. "Todos os nossos relatórios estão abertos a quem estiver interessado", explica o desbravador, que não tem formação oficial em arqueologia. Além de publicitário ele também é artista plástico. Suas obras são sempre inspiradas na cultura — ou culturas — do Brasil.

Além de caminhar bastante pelos arredores de Paranaíta — os três Land Rovers, um dos patrocinadores da expedição ao lado da Siemens e da Bayer, foram fundamentais para os deslocamentos mais longos —, o grupo chegou a outro sítio, distante



Fotos: Divulgação

Heinz Budweg retoca uma das pictografuras à cima. Ao lado, os agrupamentos de pedra que eram utilizados como calendário pelas civilizações megalíticas; os desenhos de pegadas humanas em Mato Grosso datam de um período mais recente (2000 a 3000 anos atrás). Sob o céu azul o Santuário da Pedra Preta



30 quilômetros de Corumbá. O Vale do Rio Taquari revelou mais desenhos megalíticos. Em uma laje de 3 metros de altura por 8 de comprimento novos desenhos inéditos surgiram aos olhos do grupo.

No local, ao lado do jovem arqueólogo José Luís Peixoto da Unisinos (Universidade do Rio dos Sinos) do Rio Grande do Sul, novas constatações da pré-história brasileira foram registradas, em fotos e vídeo, pela expedição Tapajós.

As descobertas não pararam por aí. Em dezembro, Budweg já está articulando com os seus patrocinadores, haverá uma terceira viagem ao interior do Brasil. No mapa, a bússola vai ser direcionada para o sul do Amazonas e do Pará. Na cabeça a intenção de achar novos povoados de colocadores de pedra nessas regiões. "Com certeza existem outros agrupamentos próximos", diz.

A fase chamada de dois da segunda expedição do Projeto Tapajós ao Centro-Oeste não conseguiu chegar a seu objetivo final ainda. "Tivemos muitas informações desconstruídas. Conseguimos apenas levantar muitas informações para uma próxima visita", explica Budweg. A intenção do grupo na Vila Bela de Santa Trindade, no Vale do Guaporé, era descobrir indícios de civilizações incas na região.

Além dos achados no meio da mata, Budweg fez outras descobertas não muito positivas pelo lugarejos pelos quais passou, como moradores sem acesso a nenhum tipo de medicamento. Como a Bayer forneceu amostras grátis de alguns remédios que não exigem prescrição médica, os integrantes do Tapajós fizeram a distribuição de alguns remédios.

Na próxima viagem, para diminuir os custos, Budweg explica que vai reduzir a equipe para três ou quatro pessoas. Além disso, com a companhia de arqueólogos profissionais e as devidas autorizações fazer algumas escavações. ■



Sinais nos caminhos

Outra descoberta importante do grupo liderado por Heinz Budweg no Mato Grosso foi a de uma estrada pré-cabralina conhecida como Peabiru, que, na língua indígena, significa caminho forrado. O achado foi feito na localidade de Ladário, cidade próxima a Coxim.

Desenhados nas rochas, em baixo relevo, foram encontrados pés esculpidos com alguma ferramenta de metal, utilizados para delimitar os caminhos.

"Este caminho liga a cidade de Salvador, na Bahia, até o altiplano boliviano", afirma o arqueólogo. Em vários sítios foram encontrados desenhos de rastros humanos, segundo o aventureiro. "Eles eram feitos nas beiradas dos Peabirus."

Outra curiosidade é que a representação dos pés apresentava números de dedos diferentes. "Alguns tinham cinco, outros seis, ou então três e quatro." Pela posição do polegar, Budweg afirma que não tem dúvidas de que os pés eram mesmos de seres humanos. Agora, definir à qual civilização pertenciam aquelas representações, Budweg prefere não arriscar.

Apesar de o período dos desenhos ser de cerca de 2 mil a 3 mil anos atrás, o arqueólogo descarta atribuir aquelas figuras às primeiras civilizações indígenas que habitaram o Brasil. "Os índios não usavam ferramenta. Não existe nenhum tipo de registro nesse sentido." Na verdade, o que se descobriu foi mais uma antiga rota de comunicação entre os oceanos.

(E.G.)

Explorador já percorreu mais de 300 mil km

Busca por civilizações pré-históricas — não indígenas — que teriam vivido no Brasil há 5 mil anos não começou agora. O projeto Tapajós, que terminou agora sua segunda expedição, já fez descobertas importantes na primeira viagem, no ano passado.

Antes disso, as próprias viagens pelo Brasil de Heinz Budweg — ele já andou mais de 300 mil quilômetros pelo Brasil expondo suas obras em uma exposição itinerante — serviram para o explorador reunir informações sobre o lado desconhecido do interior brasileiro.

Na primeira incursão por Mato Grosso a grande descoberta foi o Santuário da Pedra Preta, próximo a Alta Floresta. O painel de 12 metros de altura por 70 metros de largura tem desenhos com idade estimada em 3,5 mil anos antes de Cristo. As descobertas do painel colocam-no como uma das maiores pictografuras já encontradas no mundo. Na mesma região, além dos painéis esculpidos

no granito escuro, foram encontrados vários dólmenes com pequenos orifícios de 2 centímetros de espessura. As estruturas ajudaram a reforçar a idéia de que a cultura megalítica já havia se difundido pelo mundo.

Outra descoberta do Projeto Tapajós — no ano passado já havia o patrocínio das empresas — foi uma cidade em ruínas no meio da Chapada Diamantina. Igatu era procurada por desbravadores desde o século XVIII. A cidade sempre foi associada a uma grande mina de ouro. A mina ainda existe, mas o ouro não.

As investigações arqueológicas do ex-publicitário e engenheiro já foram divulgadas inclusive na Europa. Ele assinou contrato com a televisão Tetra X da Alemanha, uma espécie de Discovery. A primeira viagem, incluindo a descoberta do Santuário da Pedra Preta, rendeu um documentário aos alemães que acabou sendo comprado pela própria Discovery norte-americana. ■

(E.G.)